

N.º 4. — Série 1.ª — Janeiro de 1911. — Director, João da Rocha. — Secretário e editor, Alberto Meira. — Redacção e administração, rua de S. Sebastião, 107, Viana-do-Castelo. — Composição e impressão na Tipografia Universal, de Figueirinhas & C.ª, rua das Oliveiras, 75, Pôrto. — Propriedade da empresa da *Límia* . . . . .

# LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO — (Portugal)



## Sumário do n.º 4

- Capa — desenho de António Carneiro.
- I-II — SOUSA VITERBO — artigos de Pedro A. de Azevedo e dr. Alfredo da Cunha, (com gravuras).
- III — *O Jénio da Navegação*, desenho de J. Vitorino Ribeiro.
- IV — *Barbas e patriotismo*, pelo dr. Pedro Vitorino.
- V — *Per amica silentia* (versos), pelo dr. Augusto Jil.
- VI — *Janela da rua de Sam Pedro*, desenho de Jacinto Alves.
- VII — *A Janela da rua de Sam Pedro em Viana-do-Castelo*, pelo dr. L. de Figueiredo da Guerra.
- VIII — *A Estátua de proa* (versos), pelo dr. António Patrício.
- IX — *Costumes & Tradições: A coca*, por João Verde (José Vale), (com gravuras).
- X — *Consuelo*, pelo dr. Enrique de Vasconcelos.
- XI — *Da influência de Leão Tolstoi*, pelo dr. Jaime de Magalhães Lima (com desenho de Cristiano de Carvalho).
- XII — *Oriografia racional: Regras* (continuação), por Cláudio Basto.
- XIII — VÁRIA: Dr. Sousa Viterbo; Museus; Símbolos da riqueza; Novo mineral; Uma lápide romana.
- \*  
Vinhetas de Cristiano de Carvalho.  
Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

## TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

*Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento, — ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.*

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na "Límia", sem prévia autorização

Peõe-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

## PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses)

Portugal e colónias — 320 réis. Espanha — 3 ps.  
Brasil (assinatura directa) — 2.500 réis (m. bras.) França — 4 fr.  
Outros países da América do Sul — 5 ps. Nos restantes países — 5 fr.

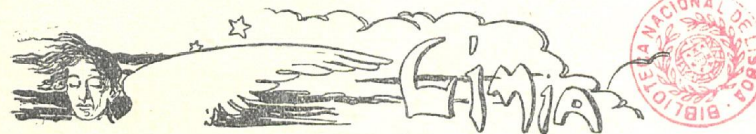
Número avulso, em Portugal — 80 réis

Pagamento adiantado. Despesas de cobrança por conta do assinante

Dirijir a correspondência para

**Límia — Viana-do-Castelo — (Portugal)**

Série 1.ª — Tómo I VIANA-DO-CASTELO (Portugal) N.º 4 — Janeiro, 1911



Director: JOÃO DA ROCHA Redactores: JOÃO PÁRIS — CLÁUDIO BASTO Secretário e editor: ALBERTO MEIRA

SOUSA VITERBO **COMPRA**

A BREVE trecho do falecimento de Sousa Viterbo, não me é possível coordenar já algumas palavras que dêem a noção aos leitores da LÍMIA do que foi aquele incansável trabalhador, qual é o valor da sua obra, e a que incitamentos obedeceu.

Profundando, todavia, nas minhas recordações, vejo-o, desde 1892, encostado a uma modesta carteira na sala do Arquivo Nacional (comum então aos leitores e empregados) com uma perna enroscada na outra, em posição só consentida aos atáscicos, a cabeça e o busto ocultos pelas largas fôlhas de qualquer livro das chancelarias, apoiado esse livro nos joelhos do escritor que empunhando a penna, ora tomava notas ora copiava *in extenso* um documento, tendo préviamente deposto ao lado a luneta de grosso cristal. Repetidas vezes num constante movimento de vaivém subia e descia o códice, a fim de alcançar a visibilidade dos documentos rejistados, muito distantes de seus pobres olhos. Êste movimento praticado durante meses e anos gastou o rebôrdo da tábua, à qual deu uma face plana, que ainda se conserva na banca, sôbre que eu escrevo estas sinjelas palavras.



Sousa Viterbo (Retrato antigo)

Vejo-o, também, abandonar por instantes o trabalho e tomar parte na conversação da sala, onde ao tempo reinava plena liberdade não coartada por qualquer regulamento, dizendo uma frase espirituosa, fazendo uma crítica ou ministrando uma correcção histórica.

— Quem eram então os frequentadores pertencentes à ultima constelação de estudiosos que a Torre do Tombo acolheu em substituição de Erculano, Rebêlo da Silva, Vicente Ferrer, Barbosa Canais e outros, e a que faziam as onras da casa os incomparáveis Bastos?

Eram Pinto de Carvalho, o cronista da Lisboa elegante dos sécc. XVIII e XIX; o misantropo Costa Lôbo, férreo estudioso como João Pedro Ribeiro chamava a José Anastácio de Figueiredo; Gama Barros, o continuador de Erculano e só

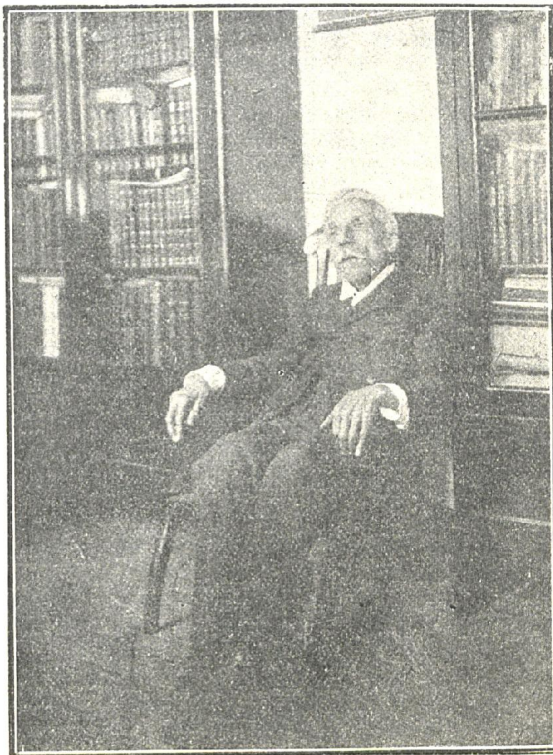
conhecido de alguns iniciados; o concentrado Ramos Coelho, o expansivo Aires de Sá e o irritável Sousa Monteiro; o matemático António José Teixeira, o biógrafo do *praeceptor infelix* Dr. António Omem, queimado pela Inquisição; o fidalgo Braamcamp Freire, presidente da primeira Câmara Municipal republicana de Lisboa; o *gentleman* Guilherme Enriques, de estirpe inglesa; o numismata Teixeira de Aragão; o brando Teófilo Braga, chefe de um governo revolucionário; o genealogista Visconde de Sanches de Baena; o académico Cris-tóvão Aires e os seus ajudantes; o Nestor da nossa investigação, o bem apur-mado jeneral Brito Rebêlo, a quem se pode chamar o director científico do Arquivo da Torre do Tombo; e poucos mais.

Essas fileiras de trabalhadores do pensamento, triste é dizê-lo, cederam, porém, ao desânimo e à morte sem serem substituídas.

Durante esses anos e no meio de esse convívio Sousa Viterbo, deixando avan-çar a doença, começou a sentir que a vista lhe fraquejava de forma que não se podia atribuir o mal só à miopia. Consultado Gama Pinto, o afamado oftalmo-logicista, obteve diagnóstico desfavorável. Tratou então de enceleirar enquanto era tempo a maior sôma que lhe fôsse possível de apontamentos.

A *pari passu* com a cegueira o andar tor-nava-se-lhe cada vez mais vacilante, não po-dendo por fim arrastar-se até o Arquivo sem aussílio de qualquer pessoa. Retido em casa, as pessoas queridas da família minoravam-lhe os sofrimentos que êle por vezes suportava estóicamente e eram-lhe como prolon-gamentos das mãos, dos olhos e do cérebro que vinha a ser a única cousa que lhe restava válida e pujante. Alguns amigos fieis o acompanharam ainda, até que uma bronquite, que êle teimou em não atalhar, lhe deu o golpe de morte no dia em que completava 65 anos.

Oriundo de uma família burguesa do Pôr-to, com parentes ainda em Valongo, margem do rio Sousa, Francisco Marques de Sousa Vi-terbo nunca deixou



Último retrato de SOUSA VITERBO

(Rafael Mena, fotogr.-amador)



O JÊNIO DA NAVEGAÇÃO

(Desenho de J. Vitorino Ribeiro)

de ser conservador nos costumes, pôsto que revolucionário nos seus trabalhos históricos. Ainda dentro do mês em que morreu, me contava enternecido como se celebrava em casa dos pais a festa da Conceição (8 de dezembro), narrativa feita não como crente, mas como artista.

A sua compleição era essencialmente estética, e a que nem os estudos de medicina, nem a ocupação quotidiana com documentos e datas diminuíram. As quadras populares de certo David Rosa publicadas no *Diário de Notícias* tinham a êle por velado autor, pois as Musas a ninguém prejudicam, e são, pelo contrário, de grande recurso para o manejo da prosa, que êle tam bem sabia dominar.

A colaboração incessante de Sousa Viterbo num jornal de larga circulação colocava-o por vezes em apuros para achar assunto que prendesse a atenção dos leitores, dificuldade grande, maiormente para quem a doença mantinha inflexivelmente preso à cadeira. Quási sempre tinha no prelo duas e três publicações, ao passo que preparava outros trabalhos mais ou menos extensos e no horizonte se desenhavam as linhas de novos estudos. Omem de actividade vencia a cegueira, e na embriaguez da luta esquecia a enfermidade e revivia em tempos passados. O material que reunira durante a sua relativa validez serviu-lhe largos anos de pasto, material por vezes incompleto, mas que êle com inteligentes indicações, quási sempre coroadas de êxito, preenchia com buscas nos livros impressos e nas colecções manuscritas dos arquivos. Quando se confirmava uma conjectura era intensa a alegria e a cadeira de tortura sofria um abalo.

Ninguém se dirijia a pedir-lhe indicações que as não deixasse de receber, nenhuma revista, nenhum número especial ou comemorativo deixava de obter a sua colaboração. Encarada por uma face, esta disseminação seria uma falta para a sua obra de escritor, se outros trabalhos não mostrassem que êle tinha capacidade para dominar grandes massas de materiais e dispô-los metódicamente.

A lista completa dos seus trabalhos é grande mas pode reduzir-se a poucas secções: artes e officios, biografias, poetas portugueses que escreveram em espanhol e refraneiros.

Eis a lista de profissões de que Viterbo tratou em diversas revistas: armeiros, architectos, cantores, cirurgiões, constructores navais, corticeiros, cosmógrafos, engenheiros, escultores, esgrimistas, espingardeiros, ferreiros, freeiros, fundidores, gravadores, jardineiros, médicos, mensajeiros reais, mestres de capela, metalurgistas, mineiros, músicos, organistas, papeleiros, pescadores de coral, pilotos, pintores, polvoristas, refinadores de açúcar, serralheiros, sineiros, tecelões, tapeceiros, tintureiros e vidreiros.

Biografou Fr. Bartolomeu Ferreira, o censor dos *Lusíadas*, Carlos Mardel, Damião de Góis, a Duquesa de Borgonha, mãe de Carlos o Temerário, Duarte Galvão, que deu o nome à rua em que Viterbo morou na estrada de Benfica, Jorje de Montemor, Fr. Luís de Sousa, Pêro Vaz de Caminha, autor da carta do descobrimento do Brasil, Príncipe de Cândia, Princesa de Sabóia, o Prior do Crato e D. Leonor, imperatriz de Alemanha.

Tratou ainda dos cruzeiros, das livrarias reais e da Batalha de Touro.

Todos êstes estudos são amplamente documentados e na sua maior parte ainda não tinham encontrado iniciador, como sucede especialmente com os officios. Sobre os pintores estávamos em dívida a um polaco, o Conde de Racinski, do pouco que sabíamos sobre os autores do nosso património artístico, os quais pelas investigações de Viterbo ficaram em maior grau conhecidos.

Para que Viterbo pudesse realizar a obra que nos legou teve de alhear-se não só dos cuidados que a saúde lhe esijia, mas ainda dos seus interesses e dos das pessoas que lhe eram queridas.

Nem a sociedade, nem o Estado o ajudaram, pois a primeira não lhe adquiriu as publicações que raras vezes se punham no mercado; e o segundo não o beneficiou com pingues comissões, apenas lhe permitiu a ausência da rejeição da cadeira na Escola de Belas-Artes e lhe facultou a publicação do Dicionário dos Architectos.

O melhor elogio que se pôde fazer de Viterbo é o de que trabalhou até que lhe faltaram todas as condições necessárias para êsse efeito. Que o seu procedimento seja imitado pelas actuais jerações, deve ser o desejo de todos os amantes da Pátria.

A presente notícia é por certo incompleta, mas tem em seu favor a circunstância de que revela aspectos da vida de Sousa Viterbo, que só eram conhecidos de poucos.

Lisboa—Tôrre do Tombo.

PEDRO A. DE AZEVEDO

COLEGA e companheiro do Dr. Sousa Viterbo, durante 17 anos, na redacção do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, aprendi, nesse longo, constante e afectuoso convívio, a admirá-lo como a um grande e primoroso artista da palavra escrita, a considerá-lo e respeitá-lo como a um investigador eruditíssimo em quem uma paciência de beneditino rivalizava com uma rara perspicácia de argutíssimo crítico, e a amá-lo e a querer-lhe enfim pelas egrégias virtudes do seu coração, não menos peregrinas que os altos predicados do seu talento.

É, pois, com o reconhecimento mais sincero por se averem lembrado do meu nome, que eu venho simplesmente inscrever-me entre os que nesta fôlha rendem omenagem de admiração e saudade à memória de um dos omens a quem a literatura portuguesa e a a istória e a arte nacionais mais e melhores serviços ficam devendo nestes últimos trinta anos.

Lisboa, janeiro de 1911.

ALFREDO DA CUNHA

### BARBAS E PATRIOTISMO

Ao nobre e lendário jesto de D. João de Castro empenhando as próprias barbas para assegurar o domínio português na Índia, ameaçado pela ruína da fortaleza de Dio <sup>(1)</sup>, opõe a istória outro, torvo e obscuro, do filho de Afonso de Albuquerque que fez política ibérica contra a independência da pátria, concorrendo a entrevistas facciosas sob o disfarce traiçoeiro de postigas barbas <sup>(2)</sup>.

O menino que o grande Afonso creava em sua casa, porque diziam que era seu filho <sup>(3)</sup>, e do qual se não esqueceu no testamento, parece ter querido, quando já velho, dar garantia, pelo proceder, às confessadas dívidas do capitão, cujo sangue puro de verdadeiro português jamais poderia dejenegar na descendência.

O inconscuso patriotismo do jigánteo erói do Oriente mereceu a omenagem de um dos usurpadores, Felipe III de Espanha, quando da sua viagem a Portugal em 1619. De visita ao convento dos Jerónimos, deparando-se-lhe na galeria de retratos a austera effigie de Afonso de Albuquerque, levou a mão ao chapéu e disse:—*Esto si que és português.* <sup>(4)</sup>

Acaso, proferindo estas cauterizantes palavras, o pio monarca tivesse na mente o espectro frio do antigo senhor da Bacalhoa...

PEDRO VITORINO

<sup>(1)</sup> *Vida de D. João de Castro* por Jacinto Freire de Andrade. Carta que D. João escreveu de Dio à cidade de Goa.

<sup>(2)</sup> Notícia inserta na monografia *Quinta e Palácio da Bacalhoa*, do sr. Joaquim Rasteiro, (Lisboa, 1895), e estraida de Salvá, *Col. de doc. inéditos para a hist. de Hisp.*, tom. VI. Carta de Cristóvão de Moura ao rei Felipe, em 9 de março de 1579.

<sup>(3)</sup> *Lendas da Índia* por Gaspar Correia. Lisboa 1860. Livro segundo; Tómo II; Cap. LIV.

<sup>(4)</sup> *Miscelanea historica* N.º 6. Os portugueses e os castelhanos. Lisboa, 1862.

## PER AMICA SILENTIA

As intensas formas emotivas são obtidas, muitas vezes, pela repetição monótona de uma mesma ideia, espressa com leves variantes verbais. Essa própria monotonia facilita, ao fim de algum tempo, a forte eclosão do sentimento, tal qual como a percussão num sílice faz ressaltar a faísca. As mães quando acarinham os pequeninos dizem-lhes uma série de frases de equivalente significado até encontrarem uma em que o amor maternal se revela na sua mássima nitidez. Nos idílios dos amantes, o mesmo acontece.

Nestes casos, a ideia como que toma balanço antes de dar o salto...

CÁRMEN SÍLVIA

Minha triste rolinha compunjida  
— Saudade transmutada em burguesinha —  
Faz-me tanta tristeza a tua vida  
Que mais triste, do que era, fica a minha...

Minha triste rolinha compunjida  
— Crepúsculo na alcova dum doente —  
Quem fôsse no deserto dessa vida  
Chuva fecundadora, água corrente...

Minha triste rolinha compunjida  
— Ó lágrima d'amor feita mulher —  
Pudera eu ser na tua dor sentida  
Bálsamo que a fizesse adormecer...

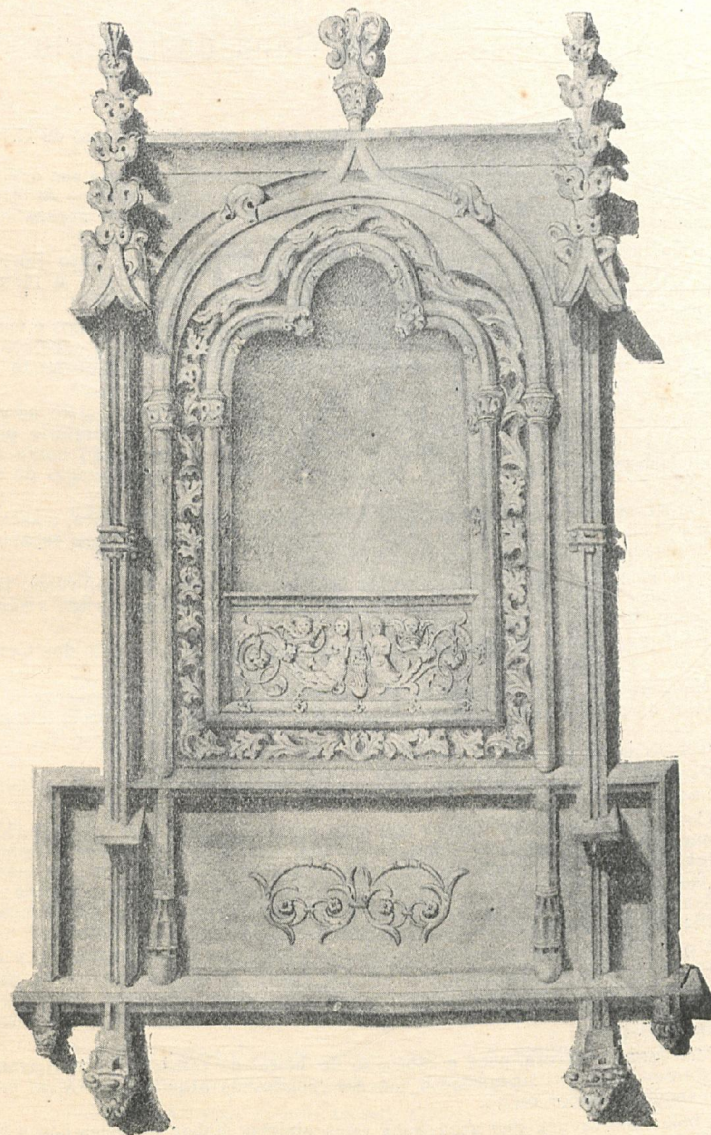
Minha triste rolinha compunjida  
— Linda madrinha da melancolia —  
Fôsse eu, na tua noite erma e comprida,  
Estréla da manhã, e claro dia...

Minha triste rolinha compunjida,  
O mal de que padeces fôsse-o eu...  
Seria a larva numa flor pendida,  
Seria o mal, bem sei — mas era teu...

Minha triste rolinha compunjida  
— Doce virjem das dôr's com sete espadas —  
Fôsse-as eu todas! tinha lá cabida  
Dentro do coração, por sete entradas...

Guarda, novembro de 1910.

AUGUSTO JIL



JANELA DA RUA DE SAM PEDRO

(Desenho de Jacinto Alves)

## A janela da rua de Sam Pedro em Viana-do-Castelo

ENTRE as janelas portuguesas tem a primazia a do côro do convento de Cristo em Tomar.

Este precioso caixilho emoldurado com objectos marítimos, pela sua orijinal e patriótica concepção, sobreleva os admiráveis modelos arquitectónicos da igreja de Belém e das capelas imperfeitas da Batalha, que constituem as nossas mais famosas jóias de pedra.

Não tratamos aqui dos monumentos religiosos do gótico terciário florido, que se pretende classificar de estilo *manuelino*, — mas limitamo-nos a indicar as mais notáveis janelas do país, falando particularmente da de Viana.

As casas *quinhentistas* de Portugal, no decorrer de quatro séculos e meio, sofreram radicais modificações, — e apenas escapou algum lanço ornamentado, por razão de vaidade das jerações passadas ou devido a qualquer lenda de família.

A mais antiga janela ojival que conhecemos, datada de 1501, existe na vila de Tentúgal, perto de Coimbra; a do Pôrto, levada pelo seu proprietário para a quinta da Avelada, em Penafiel, e de onde uma errónea tradição conta ter sido aclamado o Mestre de Avis, deve classificar-se como do princípio do século XVI.

Da mesma época resta ainda na cidade do Funchal, ilha da Madeira, a sacada da residência de Colombo; a de Garcia de Resende mereceu artigos especiais aos arqueólogos eborenses, escritores e biógrafos do cronista joanino.

Das janelas coimbrãs lembra-nos as do inculcado paço de Sub-ripas, tam vulgarizadas pelo lápis de A. A. Gonçalves; as menos conhecidas são a verde de Lamego e a de D. Duarte em Viseu.

Em Braga vimos em 1906 demolir irreverentemente as do palácio dos Coimbras!

No paço de Jiela, vizinho da vila de Arcos-de-Valdevez, conserva-se a janela de onra dos viscondes de Vila-Nova-de-Cerveira, simples mas bem traçada.

Ora voltemos a Viana.

Reputamos a janela da casa dos Costas Barros posterior às demais citadas, certamente de 1540 a 1545.

Comparando a sua estilização com a do portal de Sant'Ana, feito em 1533, achamos-lhe menos vigor no delineamento, e a decoração do peitoril denuncia já a invasão dos ornatos italianos; basta dizer que ostentam Renascença as casas: dos Jácomes na rua do Poço, dos Sás Pintos (Assembleia), — nesta cidade; a dos Araújo (Moscosos), imprópriamente chamada de DEU-LA-DEU, em Monção, — edificadas como a janela da igreja de Sam Bento, de Viana, de 1545 a 1550.

A quem conhecer a magnífica sacada do casarão dos Churruchãos, em Pontevedra, vem logo à memória que o canteiro vianês se deixou influenciar pelo esemplar galego, tanto na obra da rua de Sam Pedro, como na do palácio do visconde da Carreira, ressentindo-se todavia do período decadente dêsse grandioso estilo.

Pêna foi que outrora, para a colocação do beiral do telhado, lhe mutilassem os elegantes pináculos acogulhados, que nos remates da architectura ojival produzem sempre o maior efeito.

A bela fotografia que acompanha estas sinjelas linhas dispensa-nos a minuciosa descrição.

Viana-do-Castelo

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA

## A ESTATUA DE PROA

A Guilherme de Sena Cabral

*Encalhado na foz d'aquelherio,  
n'uma agoa baixa e mortale revêssa,  
vi a carcassa pôdre d'um navio  
que a Morte despresou, deia morrer sem pressa...  
N'essa tarde d'inverno e d'nevoa e de chuva,  
em que as nuvens no ceu eram lugubres frotas,  
tinha a miseria d'uma velha viuva  
por entre os pios estridentes das gaivotas...  
Nem um mastro sequer, nem um echo de faina:  
já a roda do leme apodreceu no todo...  
E por esmola veste a funeraria andaina  
d'um nevoeiro baço e que o trespassa todo...  
Está morto, está bem morto, Apodrece inconsciente,  
sem saudade sequer das rôlas de miragem  
em que a espuma sorriu, soniu perdidamente  
na cortadora quilha, á rude marinhagem...*

*Só a Estatua de proa,  
como a Pia do Dante,  
enfebrecida por essa agoa de lagôa,  
sonha azul, bebe azul, vive o azul distante...  
Graças a ella,  
essa careassa pôdre de navio  
continua a viajar como quando era bella  
— enealhada na foz d'aquelle rio...  
Só quando o vento passa ha um soluço a bordo...  
E como se tivesse ainda coração,  
ao bulir, ao tremer, d'estibordo a bombordo,  
range não sei o quê... no fundo, no porão...  
Mas a Estatua de proa, ainda e sempre a sonhar,  
vae na luxúria azul d'algum mar levantino,  
e o peito arcado, óvante ao mar divino,  
continua, continua a navegar...*

Pôrto,—5-Novembro-10

ANTONIO PATRICIO

A CÔCA

I

Ao contrario do que acontece em Tarascon, onde não ha festa sem *tarasca*, em Monção, a *côca* é apenas visível uma vez por anno, na festa tradicional da villa, que é o «Corpus», como em Redondela, alli na Galliza, a *serpe* é apenas visível na festa do «Cristo» que é tambem a festa official ou do *pueblo*. Tarasca, serpe ou *côca*, são exemplares d'uma mesma familia zoologica extincta, fosseis desenterrados das velhas lendas que por'hi abaixo vieram no carro-de-bois da tradição, conduzidos amavelmente pelo gentio, que, no seu obscurantismo, nunca tratou de inquirir nem da origem nem da razão de ser de taes monstruosidades. As quaes monstruosidades, se para muitos, hoje ainda, constituem o rabo-leva do ridiculo pendente das rabonas dos povos seus mantenedores, são, todavia, motivos de respeito, coisas imprescindiveis, em que se não pôde bulir e contribuem poderosamente para fomentar o commercio na festa do burgo. Um «Corpus Christi» sem *côca*, seria, para as gentes d'esta parte da raia, como uma boda sem vinho—*no resullaria*.

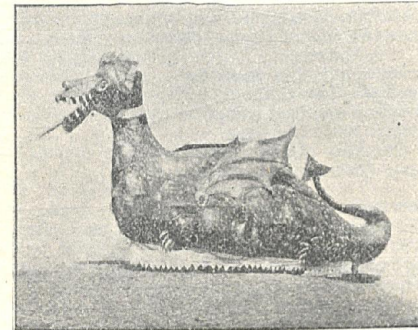


Tarasca

Quem é que daria conta de Tarascon se Alphonse Daudet não houvera tornado célebres os seus paisanos, a sua cidade natal, por meio d'esse Quijote provençal de *Tartarin*? E de tal sorte,—que os tarasconenses, que ha vinte e cinco annos ameaçavam de morte o grande romancista, vão agora erguer-lhe, se não ergueram já, uma estatua na praça principal, pois comprehendem, afinal, que se elle pusera em broma a sua terra e os seus homens, lhes déra, em cambio, a celebridade e os tornára ricos. E de tal modo, que o rancôr se transformou em orgulho e o orgulho se converteu em gratidão.

Ignoro qual seja a função festiva da *tarasca* provençal que apenas graphicamente conheço. Da *serpe* galliciana e da *côca* minhota, positivamente coévas d'aquella, e, certo, da mesma origem, posso dizer, e mais particularmente da segunda; serpe e *côca* sendo ellas, como diz o snr. Lopez Otéro no seu interessante livro sobre a provincia de Pontevedra, uma e a mesma allusão provavel «á eterna humilhação do demonio vencido por J. C.», constituindo o mesmo *clou* de festa raiana, o mesmo motivo de pasmo e de engodo para o campesino pacovio—gallego *enxebre* ou minhoto rude. E quer em Tarascon, na «St.<sup>a</sup> Martha», quer nos dois villorios, redondelano ou monçonense, no «Corpus-Christi», os extranhos bichos, de ossaria de madeira e pêles de gar-rás, difficilmente desaparecerão das suas festas officiaes, porque, sem elles, sem a sua exhibição procissional ou rueira, soffreria a vida local, e, assim, o imposto de consummo em seccos-e-molhados. Prova-se ahi o quanto a Igreja influiu sempre nos destinos do commercio, não se desprezando a Caixa de ter n'uma banda Mercurio e n'outra Santo Antonio de Lisboa. Tal foi em todos os tempos e especialmente desde que Voltaire ensinou ás gentes que convem, ás vezes, fazer-se um arranjosito com o Céu. Sem embargo, no festival da *Côca*, acontece exactamente o contrario. Elle mette o seu quê de profano, o quer

que seja de irreverente, mas que, se não existisse, deixaria a perder de vista o conjuncto pela banalidade lithurgica. Não admira, pois, que o romeiro gallego que, atravessado o Minho, veio assistir a uns restos de costumes celtas, depois de quedar-se horas perdidas na admiração da *bicha*, ao chegar á porta da igreja, precisamente no momento em que o abbade da villa pronunciava o *ite, missa est*, tivesse esta phrase que ficou e vem passando de geração em geração:



Santa Cõca

Por amor d'a Santa-Cõca perdin o dianho d'a missa...

E está ahi, ao fim e ao cabo, a hegemonia da *Cõca* na procissão do «Corpus», festa dos burgos que as municipalidades vão eliminar, de certo, por virtude do regimen e que por isso mesmo merece agora descripção condigna, ao menos quanto ao «figurado» que a tradição conservou.

Monção

JOÃO VERDE

CONSUELO

A NOITE viera, rapidamente, depois de aquele dia de inverno, luminoso e frio. Ficáramos no quarto quente, deante do fogão, onde as últimas labaredas se ajitavam, largas, como túlipas de oiro raiadas de púrpura. De quando em quando, rápida, subia a flor, curvando-se, abrindo-se-lhe a corola, perdendo-se na chaminé. Conversáramos todo o dia, felizes por nos encontrarmos juntos e sós, depois de tamanha ausência. Gabriel corraera, como de costume, as sete partidas e vinha passar o inverno na sua pequena quinta de Benfica, entre as velhas árvores do inculto jardim, que tinha o ar de êsses abandonados parques onde moram fadas, em longos encantamentos.

Era grato ouvi-lo contar as impressões das terras apercebidas, efeitos de poentes em florestas de medo e de espanto; marulhar da plebe vingativa em tardes de revolta, em cidades opulentas e culpadas; um brilho de luz numa cúpula de oiro, o jesto de uma rameira benzendo-se numa gótica catedral de Espanha; tardes de Itália em que se agoniza com a volúpia das coisas; sussurros de adultérios; chispar de faca em tabernas de marujos; o olhar de uma figura de quadro, que persegue...

Nas profundas poltronas de Gillow, mais nos enterrara o bem-estar.

—Começo, às vezes, a pensar com muita saudade nas mulheres que conheci, oje que não posso conhecê-las como dantes. Vês? A vida venceu-nos. Esijimos de ela demasiado, pusemos na ponta duma lança a nossa ambição e fomos em conquista pelo caminho. Venceu-nos; pior, derrotou-nos. ¡Temos que lembrar o que vimos, como soldados prisioneiros e aleijados recordam episódios de batalhas sem poder nelas tomar parte! A vida era para nós, não um espectáculo como actualmente, mas um palco pará a acção. Não nos contentávamos em assistir, cépticos, ao desenrolar da peça. Ao primeiro fulgor, à primeira palavra pitoresca,

ao primeiro jesto de Beleza enfim, eis-nos no imo do drama... Cedo ficámos velhos...

—Envelhecendo, a vida interior desaparece. Seria para o nosso orgulho uma desesperada agonia o não bastarmo-nos. Assim como uma princesa que se diverte solitária com pedrarias, revolvemos o nosso passado.

—Mulheres!... ¿De quantas bôcas me lembro com o desejo de as possuir novamente? De nenhuma... *Flirts* mundanos que terminaram em adultérios, curiosas dos *Palaces* variando igualmente de leito e de amante, aventuras de *spadeck* de transatlântico com *toqués* enjoativas de poesia... ¿Que importa? Foram todas a mesma.

—Não. Ainda me lembro! E de algumas sinto o beijo que sacia, ou vejo o jesto doce que promete...

—Talvez tenhas razão, anuiu Gabriel. O jesto que promete, disseste. E precisa-se-me na memória a figura tímida de Consuelo. Consuelo! alma de Córdova, linda, cheia de tesouros como uma úri, mas triste e sempre só como essa grande *plaza* que ninguém atravessa na cidade májica dos árabes, a cidade da mesquita, com um labirinto fulgente de colunas em que florescem capiteis todos diferentes!

Reparei nela, no pátio sonoro da mesquita. Entrava com a infusa ao ombro, sempre só, quási sem falar às demais raparigas, alta e forte, com a rubra dentada que era a sua bôca fresca, os olhos largos, macios, que em volúpia se molhavam.

¿Lembras-te de êsse trigoeiro das cordovesas que são um ino erguido ao sol fecundo, ao sol brilhante? Enfeitavam-se com flores, amorosamente, as laranjeiras. Ria a fonte pelas múltiplas bicas; cantavam as cigarras, bêbedas de luz. E parecia que o perfume e a macieza vinham de ela, quando entrava com um ar tímido, como com receio de que alguém fôsse falar-lhe e acordá-la do sonho de tristeza.

Visitara eu a mesquita às oras serenas em que ela ali ia. Muitas vezes demorava-me, fumando no pátio claro, conversando com algumas, môças alegres, de flor no cabelo e beijo pronto na bôca. Só Consuelo era triste. As vezes não me via, e se outra não estava, dizia uma quadra de ódio:

Mala puñalá te peguen  
que te parta er corazón.  
Lo que has jecho tu conmigo  
no te lo perdone Diós!

A espessão do rosto era dura. A quadra era um motivo, apenas, para a *saeta*, a necessidade de sistematizar o ruído. Sentia o que cantava. E era sempre a mesma.

Só um dia lhe ouvi, devagarinho como um segrédo que dizia às suas lágrimas, o infinito ciúme desta cantiga:

Permita Diós que te mueras  
y que te entierren de balde  
y te tapen la carita  
pra que no te vea nadie.

¿Que íntima e incurável dor Consuelo pôs naquela quadra!  
Era bem uma chaga a sua bôca, que alguém mordera e abandonara e o sangue evaporava-se nesse soluço:

Y te tapen la carita  
pra que no te vea nadie...

Vi o drama de ciúme, o coração sangrando com as infidelidades verificadas,

aos sobressaltos com as suspeitas, ansioso depois, encolhendo-se, querendo ocupar um menor espaço na vida, julgando assim sofrer menos.

Aproximei-me dela, que não fugiu, teve a necessidade de um amparo que ouviu a minha voz condoída, carinhosa, e chamou deante de mim, deu-me as mãos que afaguei e, quando partiu, graciosa e alta, sob o laranjal em flor, teve para mim um sorriso, triste sem dúvida, mas um sorriso.

Depois, conversámos mais. Contou-me a história que eu supusera. Um barbeiro seu vizinho, que com falas lisonjeiras a seduzia, quási sem resistência, feliz por se entregar, feliz por fazer àquele que ela amava, logo a dádiva opulenta do seu corpo virgem e mção, e que passados os primeiros dias, certo do amor e das carícias dela, para outras convolara mostrando sem disfarces nos espaçados encontros o cansaço umilhante, que jelava a ela beijo e punha nas palavras aços envenenados.

Consuelo amava-o e odiava-o! Queria-onas para ela só, mesmo morto, uma vez que não fôsse de outra! Queria-o subjugado, sem resistência, sem enfado, mesmo cadáver!

Espiava-o. Como uma dama fina, mandava cartas anónimas, aos maridos e aos namoros daquelas que êle requestava, para que um dia o apanhassem:

Mala puñalá te peguen  
que te parta er corazón!

Fui a pouco e pouco insinuando-me no seu coração dorido. Não era apenas, às oras ensoladas que nos encontrávamos, no pátio da catedral: era também à tarde, à ora serena das Ave-Marias, quando ali tudo é silêncio e as próprias fontes parecem chalar mais de mansinho. Consuelo falava-me do seu amor e do seu ciúme, sorria-se lembrando-se de episódios desse curto noivado frenético; tinha intimidades comigo, chegava a apertar-me o queixo, numa risota, punha-me as mãos no cabelo, repuxando-o um pouco. E se descrevia em linguagem quente e pitoresca os beijos que lhe dera, quási a aproximava a sua bôca da minha para me beijar. Mas recuava, sorria, uma lembrança dolorosa entristecia-a, e separava-se de mim, lentamente, quando do céu azul a noite descia, enfeitada de estrêlas, e tinha um jesto gracioso para me atirar um beijo na ponta dos dedos compridos.

Vira já nos pormenores a mesquita que Carlos V prostituiu com a igreja plateresca; vira nos braços das capelas fidalgas o orgulho e a ignorância dos grandes nomes da reconquista; povoara de árabes letrados e voluptuosos êsse recanto de sombra, onde os azulejos tam docemente brilham. Era preciso partir.

Consuelo ficou triste. Eu era um confessor que lhe não ralhava, não combatia o seu ódio, reverso do seu amor incurável. Nos meus olhos surpreendeu, por certo, mais de uma vez, o brilho de um desejo que ia para a bôca escarlate e molhada. Ficou triste.

Combinámos um passeio aos arredores, a uma certa venda onde é sem preço a mançanilha nova. Sob uma parreira, a uma mesa tósca, sós, pela última vez lhe ouvi as cenas de amor e as cenas de ciúme; passavam, raros, pela estrada, ao chouto dos machos, lavradores e bufarinheiros tostados. O sol descera no horizonte. Voltámos a pé. Pelas quintas, laranjeiras floriam. Avia no ar quieto daquele radioso dia de sol, como um convite ao amor feliz e fácil. Tomei-lhe o braço. Falei-lhe dos beijos, das bôcas que se unem e se sugam e se mordem. Tomei-lhe a cintura maleável; ela ria-se, contente, pela mançanilha nova. Numa curva da estrada, sob uns azinheiros, aproximei-a mais e ela inclinou-se para mim, a querer beijar-me. Depois, num forte sacão, ásperamente, soltou-se do meu abraço e fugiu, com terror.

La vindo a noite, lentamente. As coisas mergulhavam no mistério do crepúsculo. Ainda vi o seu *mantón* claro, a fugir e a acenar.



# Da influência de Leão Tolstói

AVEIRO, 19 de dezembro de 1910

... Senhor João Páris:

Ia agora responder à carta com que V... me onrou em 28 de novembro último, confiando-me a missão de registar na sua *Límia* o passamento de Leão Tolstói. Ia dizer-lhe que, apesar da minha boa-vontade e da muita simpatia que me merece essa pequenina revista, cativante na sua pequenez e já afagada por tam belos nomes das letras portuguesas, não me seria fácil satisfazer os seus desejos. Comprometido a falar no «Ateneu Comercial do Porto» da carreira gloriosa de aquele sublimado jênio religioso dos nossos tempos, e trabalhando simultaneamente em um breve estudo da sua vida e obras, não era justo pulverizar assim a atenção, o tempo e os meus minguados recursos, em matéria para a qual todo o esforço da minha capacidade era pequenino, era nada, em tal desproporção do fim e dos meios que só pela paixão e pela sinceridade do crente se desculparia a audácia do crítico.

Seria êrro grave de método, e porventura abonaria pouco a sensibilidade de uma consciência moral e literária por demais esenta de esitação e escrúpulos, que eu, para dar um falso cumprimento ao convite, o satisfizesse em meia dúzia de notas tiradas ao acaso de um amontoado desconexo de esboços, tentativas e documentos truncados e confusos.

Com certeza e muita mágoa minha, bem pouco valerão depois de escolhidos, corrigidos e ligados. Porém agora, no estado de desordem em que os tenho, não só se me afiguram de todo ininteligíveis, mas até mesmo me parece que espondendo-os correria risco de atraícoar o meu próprio pensamento por afirmações prematuras, às quais não dei ainda reflexão e desenvolvimento bastante, — aquela reflexão e desenvolvimento muito limitados, escusado será dizê-lo, que as minhas pobres faculdades e a minha acrisolada devoção podem atinjar.

Isto ia dizer a V., quando, considerando melhor as palavras da sua carta, vejo que sobretudo me pergunta «pela impressão e influência que a obra do autor da **Resurreição** produziu ou pode produzir em portugueses».

Á! sôbre êsse ponto não esito.

A obra de Leão Tolstói tem para mim um resplendor claro como o sol, e como êle iluminando a terra, todo o globo. Á de ter em Portugal a influência que teve em toda a Europa, na América e na Austrália, por todas as latitudes, em todo o lugar em que os omens suspeitaram ou sonharam uma obediência religiosa do seu ser a um espírito divino e eterno. Por uma lei fatal verificada na história, quis o destino que a palavra dos discípulos de Cristo chegasse aonde chegou a do seu mestre, e que o poder dos que a repetiram participasse dos atributos do poder de quem primeiro a proferiu. E todos os verdadeiros evangelistas, sem distinção de tempo e de lugar, um Tolstói como um Francisco de Assis, serão apenas a essência preciosa com que de contínuo se alimenta a Luz do mundo que um dia teve a sua aurora ensanguentada e redentora nos montes da Judeia.



TOLSTOI — (Desenho de Cristiano de Carvalho)

Se, porém, ela ouvesse de ter preferências entre a multidão dos crentes que a adoram, se pode aver corações privilegiados para a receberem em maior abundância, deverão ser aqueles que mais sofrem, aqueles que mais angustiados se encontrarem nas alucinações e desvairamentos da ignorância e do êrro. Os que edificaram a casa em sapiência, êsses poderão talvez deixar amortecer pela própria ventura a lembrança dos mensageiros que à ventura os conduziram. Mas os enfermos e os desafortunados, êsses que ansiosos procuram resgate das suas dôres, só em Cristo o encontram, só pelo seu espírito poderão erguer-se da prostração e dos abismos em que a loucura os lançou. Sem êle toda a grandeza é efêmera, e baldado todo o esforço de ressurgimento. E então êsses, os desventurados, adorarão os profetas porque os profetas os encaminham à paz, e entre os profetas encontrarão Leão Tolstói, porque a fortaleza da sua fé e o clamor do seu jênio se ouviram alto entre os brados salvadores dos pastores da humanidade inquieta, incerta, transviada e fraca.

De V. etc.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

## Ortografia Racional

### REGRAS:

(Continuação)

V — Nos ditongos orais decrescentes as subjuntivas serão representadas sempre por *i, u*: *ai, au, ei, eu (êu), iu, oi (ôi), ou, ui*.

Es.: *pai, vais, sai* (cf. *sai*, 1.<sup>a</sup> pessoa); *mau, pau*;

*teu, leu e lêu, chapêu, céu*;

*viu, riu* (cf. *vi-o, rio*);

*bois, sois* (v. *ser*), *sóis* (pl. de *sol*), *lençóis, espanhóis, jóia, combóio*;

*fui, constitui, influi* (cf. *constitui, influi*, 1.<sup>as</sup> pessoas), *aquíis*.

VI — Emprêgo de *-am* nas terminações átonas dos verbos e em monossilabos átonos, — conservando-se *-ão* nas terminações tónicas dos verbos e nas terminações átonas de alguns nomes, como *órfão, órgão, Cristóvão*... , os quais serão acentuados graficamente na sílaba predominante.

Es.: *amaram, foram, comeram, aplaudiram*;

*tam, quam, sam* (*santo*), *gram* (*grande*);

*amarão, serão, comerão, aplaudirão, são*.

Os nomes terminados em *-ão* átono poucos mais serão que êstes: *bênção, Cristóvão, Estêvão, frângão, órfão, órgão, ourêgão, Pedrógão, Rôdão, rábão, sôtão, zângão*... , a alguns dos quais já o uso deu outra terminação: *frango, soto*...

A escrita de êstes poucos nomes com

*-ão* final evita a formação de plurais inadmissíveis.

VII — Distinção das 3.<sup>as</sup> pessoas do presente do indicativo, ou conjuntivo, dos verbos *ter, vir, ler, crer, ver* e *dar*, e seus derivados, do seguinte modo:

*tem, vem... teem, veem...*

*lê, vê, lêem, vêem, lêem, vêem, dêem...*

Note-se particularmente a diferenciação: *veem* (verbo *vir*) e *vêem* (verbo *ver*).

VIII — Rejeição, em palavras portuguesas, aportuguesadas ou aportuguesáveis, de *s* inicial por *es*, e de letras finais impróprias de terminações portuguesas.

Es.: *esquema, estrito, espécime, Es-mirna, estrôncio*;

*Jô, Jacô, clube* (pop. *clúbio*), *bie-que, fraque, tique-taque, lorde, ufe!*, *zigue-zague, dogue, boné, Judite*...

As palavras portuguesas terminam em vogal ou ditongo, ou nas consoantes *l, m, r, s, z*.

A palavra *jovem*, que em jeral é escrita à espanhola (*joven*), deve ortografar-se com *m* final.

Em *n* terminam algumas palavras, não agudas, em que êsse *n* é proferido distintamente. De tais palavras muito poucas são vulgares, e quasi sempre o uso lhes tira o *n* final. Poucas mais são que estas:

*abdômen, albúmen, alímen, árgon* (*argo*), *cánon, Cármen* (pop. *Carme* ou *Carmá*), *certâmen* (*certame*), *cerâmen* (*cerume*), *côlon, cripton* (*cripto*), *dôlmen, du-*

râmen, êden, êlion (êlio), espêcimen (espêcime), ifen, ileon (melhor ileo), isquion, jêrmen (jerme), liquen, mácron, micron (unidade C. G. S.), monásticon, molimen (molime), nûmen (nume), néon (neo), pólen, rejimen (rejime), sêmen, tentâmen (tentame), xênon (xeno)...

—(Deve notar-se que o plural destas palavras se forma acrescentando-lhes *es*: *abdômenes, albúmenes...* como *caddêveres, revólveres, dôlares...*)—

A palavras, como *wagon, coupon, beton, êdredon, orphêon*, já vulgarizadas entre nós, deve ser dada forma portuguesa: *vagão, cupão, betão, êdredão, orfeão...* (em virtude dos plurais vulgares: *vagões, cupões, etc.*).

Quando a palavra terminar em *a* nasal, essa nasalização será sempre indicada por til sobre o *a*. Assim se faz jeralmente:



Dr. Sousa Viterbo

Pela pena dos seus colaboradores srs. Pedro A. de Azevedo e Alfredo da Cunha, a *LÍMIA* presta a sua omenagem ao notabilíssimo português que onrou esta revista com um dos últimos artigos que pôde redijir, e rejista com sincera mágoa o falecimento de tam prestante cidadão.

J. da R.

### Museus

Parece que vão sendo compreendidas e encaradas como devem as nossas riquezas artísticas e arqueológicas.

Foi decretado já que o edificio da capela da Universidade seja considerado monumento nacional, instalando-se nele um museu de arte, e fala-se também em transformar para idêntico fim o grandioso convento de Mafra onde existem verdadeiras preciosidades.

Ainda bem!

### Symbolos da rialeza

A febre de demolir todas as sobrevivências do antigo rejime tem levado à prática de algumas barbaridades nas coroas so-

*Campanhã, cristã, irmã, lã, manhã, órfã...*  
—Escreva-se também, coerentemente: *afã, imã* (e não *iman*), *Pã, tantã...*

Escepcionalmente, á a preposição *sob* terminada em *b*, e ainda umas quantas palavras, principalmente nomes bíblicos, terminadas em consoante diferente de *l, m, r, s, z* — às quais palavras, sempre que seja possível, se apertuguesará a terminação.

(Continua)

CLÁUDIO BASTO

**Nota:** No passado n.º, pág. 48, saiu, na col. 2.ª, linha penúltima, a mais, e errada, a palavra *vijésimo* (*veijésimo*, como *centésimo, milésimo*, etc. — lat. *millesimum, centesimum*, etc.); na pág. 49, col. 1.ª, linhas 15.ª e 18.ª nulos e nulas por *inúteis*, e na col. 2.ª, linhas 3.ª e 7.ª, *gigagoga* e *jigagoga* por *gigajoga* e *jigajoga*.

brepujantes dos escudos de vários edificios, que mereciam ser respeitados visto constituirem verdadeiros documentos, indispensáveis para a nossa istória nacional.

Urje providenciar.

P. V.

### Þodo mineral

Na *Revista de química pura e applicada*, do Þôrto, (pág. 365—369, 6.º ano), espõe o sr. J. M. de Pádua e Castro, director da Casa da Moeda do Rio-de-Janeiro, análises feitas com um mineral que se não conhecia, composto de corpos raros, e encontrado no estado do Espirito-Santo, Brasil.

Entre os corpos raros que constituem êsse mineral conta-se um ócsido de um metal que não foi possível ainda caracterizar.

### Uma lápide romana

Em Astorga, foi encontrada no interior de um muro, quando o desfazião, uma lápide romana.

A inscrição que nela se lê é, segundo *El Correo de Galicia* (Santiago) de 9 de janeiro, a seguinte:

D.	M
SES	CHRESTUS
SESTIAE	IULIAE
ANN XXV	CONIVGI
DESIDERATISI	
MAE	F., G.,

A lápide vai ser entregue ao Museu Epigráfico astorgano.

C. B.

## Arquivando opiniões sôbre a «LÍMIA»

*LÍMIA* — Uma excelente revista mensal, ilustrada, de letras, ciências e artes que últimamente começou de publicar-se em Viana-do-Castelo.

... Artigos de Bruno, Sousa Viterbo, Leite de Vasconcelos e outros publicistas ilustres; prosas literárias, de João de Castro, Justino de Montalvão... e outros escritores de talento reconhecido; versos de João de Barros, Júlio Brandão, Afonso Lopes Vieira e Teixeira de Pascoais que á muitos anos granjearam justo renome, e desenhos de Cristiano de Carvalho, António Carneiro, Manuel Monterroso, Correia Dias e outros artistas dignos de apreço.

Da leitura do 2.º número, correspondente ao mês findo, ficou-nos a impressão de que era esta uma publicação destinada a um largo futuro. Merece-o, pelo menos. Se o não tiver, é que não vão, por enquanto, os tempos de molde a vingarem caminho seguro publicações meramente literárias.

Entretanto, muito de louvar é a onesta e patriótica iniciativa dêsse... grupo de omens de letras que de um canto da provincia se decidiram a dar-nos o que em Portugal de á muito falta — uma revista literária que junte o útil ao agradável, segundo o preceito do poeta.

Os nossos cumprimentos e sinceros votos por que os ventos lhes corram de feição para larga e próspera carreira. — [A PÁTRIA (Þôrto), n.º 363].

*LÍMIA* — É o título de uma revista mensal, ilustrada, de letras, ciências e artes... O primeiro número, que manuseámos e cuja leitura nos deu a melhor impressão, traz espirituosas ilustrações, bons artigos e belíssimos versos, formando um conjunto digno de uma publicação que tem na lista de seus colaboradores os mais distintos omens de letras de Portugal, de Espanha, da França e da América. Encarada materialmente a nova revista portuguesa é acabada com gôsto e arte. [REVISTA DA SEMANA (Rio-de-Janeiro, Brasil), n.º 548].

*LÍMIA* — Esta brilhante revista mensal, que vê a luz da publicidade em Viana-do-Castelo... insere no seu 2.º número uma colaboração escolhida de alguns dos nossos melhores poetas e prosadores da actual jeração, como Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Justino de Montalvão, D. João de Castro... De antigos e ilustres literatos publica também trabalhos de valor, sendo para notar os artigos dos srs. Sousa Viterbo e Leite de Vasconcelos.

A *Límia* está destinada, certamente, a perdurar, pela seriedade dos seus intuitos e pela escrupulosa selecção dos seus escritos. — [O PRIMEIRO DE JANEIRO (Þôrto), n.º 294].

## Depositários da «Límia,, em Portugal:

Em Lisboa — *Paulo Coelho de Albuquerque* (ajente), R. de S. Bento, 510, 2.º, E. *Tabacaria Mónaco*, Rossio, 21.

No Þôrto — *Livraria Magalhães & Moniz*, (ajentes), L. dos Lóios, 10-14.

Em Coimbra — *Livraria Moura Marques*, (ajente), R. Ferreira Borjes, 171.

Em Braga — *Livraria Cruz & C.ª*, R. N. de Sousa, 127-133.

Aceitam-se ajentes onde os não á.

## AVISO

A edição do 1.º numero da *Límia* está esgotada. Para os assinantes que, por isso, não receberam êsse numero, serão guardados esemplares de uma segunda edição que se vai fazer.

Essa edição é destinada ao estrangeiro e não será posta à venda em Portugal.

